



Alta do dólar reforça aumento dos custos de produção

Por Prof. Dr. Sergio De Zen e Graziela Correr; Equipe Pecuária de Corte

Se, de um lado, a forte alta do dólar frente ao Real tem contribuído para elevar a receita obtida por exportadores brasileiros de carne bovina, uma vez que o produto se torna mais competitivo no mercado internacional, de outro, encarece os custos de produção.

De janeiro a setembro, o COT (Custo Operacional Total) da pecuária de corte

se elevou 7,43% na “média Brasil”, acima do aumento da inflação acumulada no mesmo período, de 7%, conforme o IGP-DI. Entre os grupos de insumos que mais se valorizaram nos nove primeiros meses do ano, destacam-se adubos e corretivos (14,67%), suplementação (11,92%), combustíveis (6,2%) e antiparasitários (5,1%).

A escalada do dólar explica boa parte da alta dos grupos de adubos e corretivos e de suplementação – que juntos respondem por 13% do COT –, tendo em vista que o fosfato bicálcico, principal matéria-prima para a fabricação desses produtos, é predominantemente importada. Entre janeiro e setembro, o preço médio da tonelada do fosfato bicálcico teve aumento de 42,3% (Figura 1).

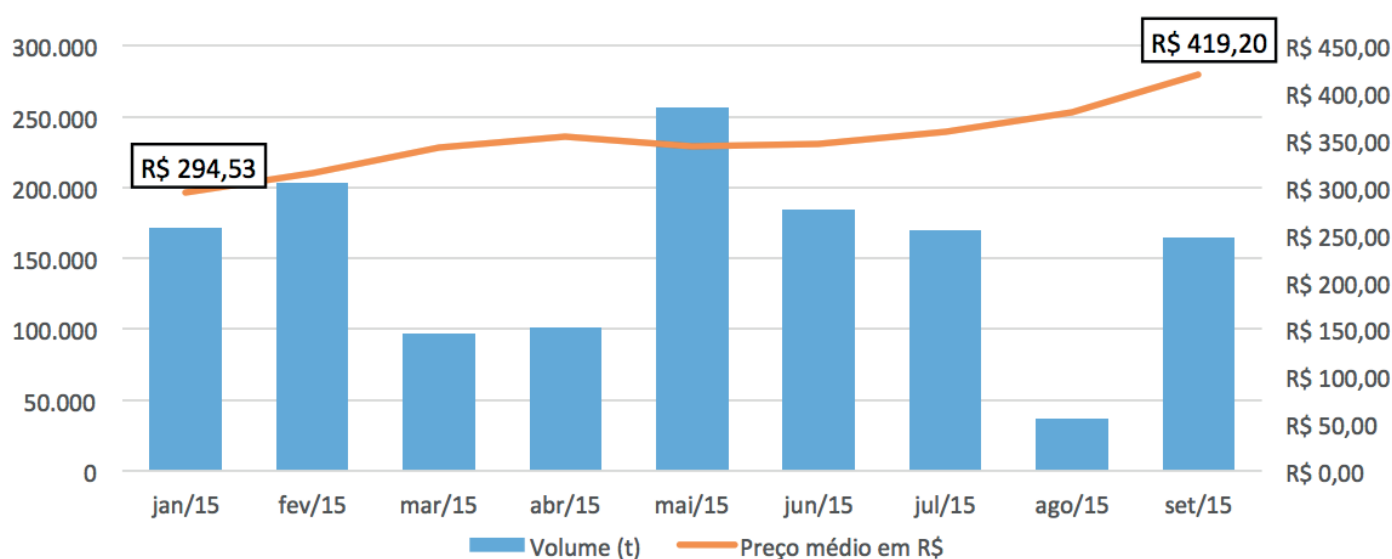


Figura 1: Volume e preço médio (R\$/t) de fosfato bicálcico importado
Fonte: Secex

Para pecuaristas de engorda, os altos patamares de preços dos animais de reposição têm sido o principal motivo para o encarecimento dos custos – a aquisição desses animais representa cerca de 50% dos custos de produção do boi gordo. Em setembro, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do bezerro (Mato Grosso do Sul, animal nelore, de 8 a 12 meses) teve média de R\$ 1.200, elevação de 6,9%, em termos reais, em relação ao mesmo período do ano passado. O boi magro em São Paulo, por sua vez, teve média de R\$ 1.254, em setembro, valorização real de 16% no mesmo período analisado.

Diante dos altos patamares, pecuaristas de engorda seguem cautelosos na compra de animais de reposição. Além disso, as condições dos pastos ainda desfavoráveis em algumas regiões produtoras reforçaram a postura retraída de compradores.

Do lado da receita, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo (estado de São Paulo) acumulou pequena variação positiva de 0,4% nos nove primeiros meses do ano. Nesse intervalo, houve seis meses de desvalorização e três de aumento. Ainda assim, os atuais níveis de preços seguem elevados. A média da

arroba em setembro, de R\$ 143,69, superou em 2,3% a do mesmo período de 2014, em termos reais (deflacionando-se pelo IGP-DI de set/15).

CARNE – Entre as principais carnes exportadas, a bovina foi a que mais ganhou com a escalada do dólar. O preço médio do produto in natura saiu de R\$ 11.619,84/tonelada, em janeiro, para R\$ 17.767,14/t, forte valorização de 53%. No mesmo período, a tonelada das carnes de frango e suína in natura valorizou 36% (Figura 2). Em receita, os embarques brasileiros de carne bovina geraram R\$ 10,6 bilhões nos nove primeiros meses

de 2015, acréscimo de 9,24% em comparação com o mesmo período do ano passado.

O reajuste do preço da carne só não foi maior porque a moeda de muitos compradores do produto brasileiro também

se desvalorizou. Além disso, a economia de importantes países consumidores da carne nacional tem estreita relação com o petróleo, que enfrenta um período prolongado de preços baixos.

Nesse cenário, em volume, as exporta-

ções brasileiras de carne bovina totalizaram 766,7 mil toneladas de janeiro a setembro, 16,2% a menos que nos nove primeiros meses do ano passado, quando 915 mil toneladas foram embarcadas, segundo números da Secex.

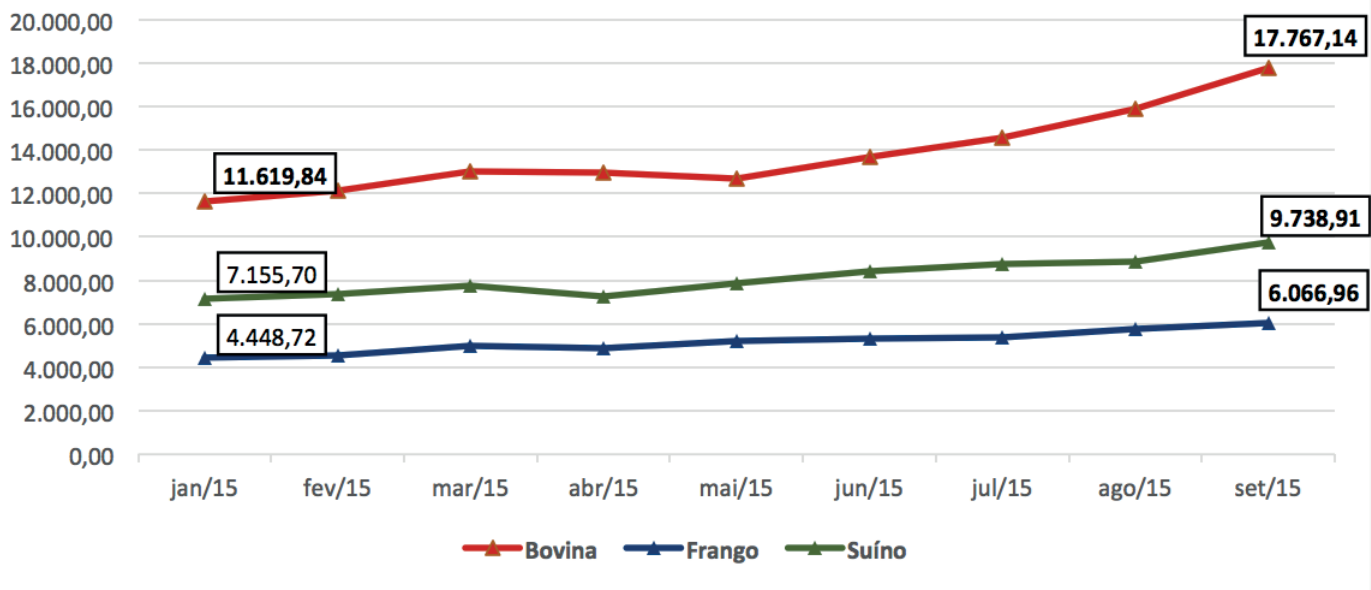


Figura 2: Preço médio de carne in natura exportada (R\$/t): janeiro a setembro 2015
Fonte: Secex

No mercado doméstico, os preços da carne bovina também seguem firmes, sustentados, principalmente, pela oferta reduzida de animais para abate. Conforme números do IBGE, no primeiro semestre de 2015 (últimos dados disponíveis), foram abatidos 15,43 milhões de bovinos, 9,2% (ou 640 mil animais) a menos que no primeiro semestre de 2014. Em setembro, a carcaça casada bovina foi cotada na média de R\$ 9,54/kg no atacado da Grande São Paulo, 8,7% superior à do mesmo período de

2014, em termos reais. Em relação ao preço médio do quilo do produto exportado, o valor praticado no mercado doméstico está cerca de 40% mais baixo.

Apesar do atual cenário econômico brasileiro, marcado por taxa de desemprego em torno de 9% e expectativa de redução da renda agregada em 2015, a demanda por carne bovina pode ser sustentada pelo consumo interno, apesar da alta ao redor de 7% no ano (carcaça casada de janeiro a setembro/2015).

A análise da relação de troca da carne bovina em relação às suas substitutas – frango e carne suína - pouco se alterou de setembro do ano passado para o mesmo mês em 2015 (Figura 3). Devido a pouca modificação nas relações de troca entre carne bovina e as carnes substitutas (desde abril de 2015), e o padrão de consumo brasileiro, que prioriza o consumo de carne bovina, o consumo doméstico não tem mostrado sinais de redução.

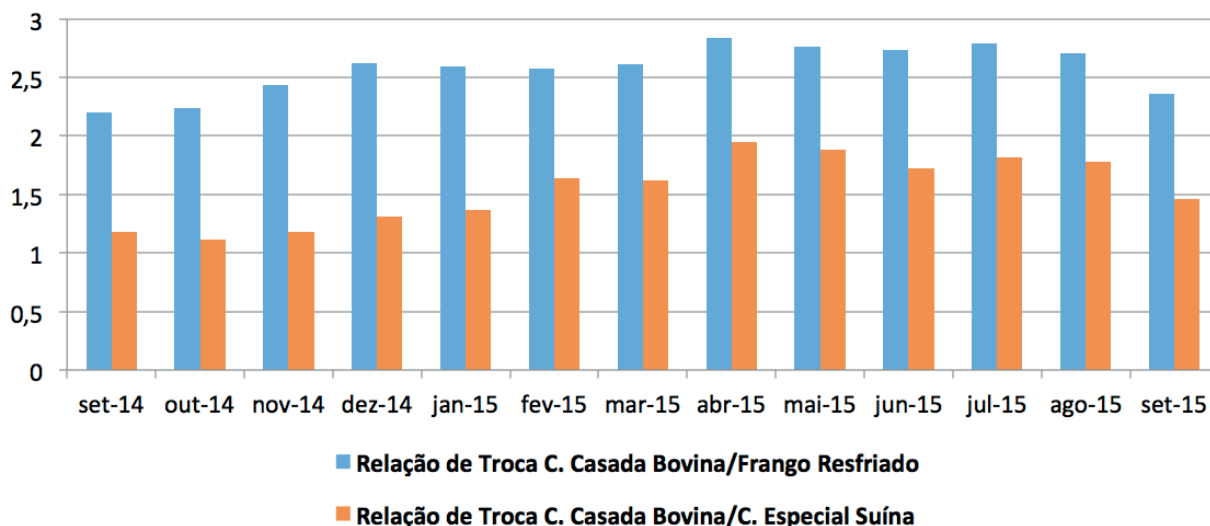


Figura 3: Relação de troca da carne bovina, suína e de frango
Fonte: Cepea

Pecuária pagou em 2015 acima do mínimo nacional

Por Prof. Dr. Sergio De Zen e Gabriela Garcia Ribeiro; Equipe Pecuária de Corte

Em 2015 (até setembro), a mão de obra representou, em média, 10% dos custos operacionais totais (COT) da pecuária de corte brasileira e 12% dos custos operacionais efetivos (COE), considerando-se a “média Brasil” (que engloba os estados da Bahia, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo e Tocantins). Com o aumento do salário mínimo, proposto em 9,84% para o próximo ano – passando dos atuais R\$ 788 para R\$ 865,50 –, a participação da mão de obra nos gastos do pecuarista deverá crescer ainda mais.

Para os pecuaristas que praticam a cria, a mão de obra representou, em média, 20,8% do COT nesse ano, correspondendo ao maior gasto. Já para aqueles que fazem recria-engorda, esse item participou com 7,8% do COT, representando o segundo maior desembolso, atrás apenas da aquisição do bezerro, com 61%.

Desde o início da série histórica do Cepea, em 2004, a menor participação da mão de obra nos custos totais do pecuarista de cria ocorreu em dezembro de 2013, de 18,5% (“média Brasil”), enquanto a maior foi verificada em maio de 2010, de 30,8%. Para a recria-engorda, a menor representatividade, de 4,75%, foi registrada em novembro de 2011 e a

maior, de 12,4%, em maio de 2010.

Em todos os estados brasileiros pesquisados, a pecuária de corte brasileira continua pagando salários superiores ao mínimo federal. Em 2015, o destaque foi para o estado do Paraná, no qual o mínimo pago ao vaqueiro foi de R\$ 1.032,02 mensais, 31% a mais que o salário mínimo federal praticado. Em média, o trabalhador da pecuária de corte paranaense recebeu 2,1 salários mínimos, totalizando R\$ 2.167,24 ao mês, também a maior remuneração para o setor entre os estados brasileiros no balanço de 2015.

Apesar da elevada despesa com mão de obra em termos absolutos, a participação deste item nos custos totais do pecuarista paranaense é uma das menores entre os estados acompanhados, de 16,6%. Em Guarapuava (PR), região caracterizada pela integração lavoura-pecuária, a mão de obra representou ainda menos, 10,9%.

Na outra ponta, na Bahia, esse item participou com expressivos 38,4%, embora esse estado fique com a menor remuneração, de R\$ 840,53 – ainda assim, acima do mínimo oficial.

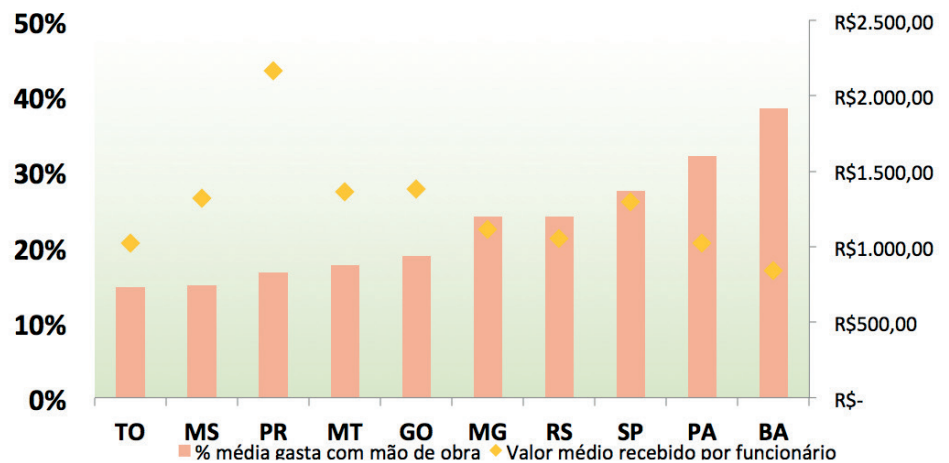


Figura 4: A Participação da mão de obra no COT e valor médio recebido por funcionário em 2015, por UF
Fonte: Cepea/CNA

Valorização do bezerro estimula criador a investir em inseminação

Por Prof. Dr. Sergio De Zen, Gabriela Ribeiro e Ana Aoki de Sousa; Equipe Pecuária de Corte

Os elevados preços do bezerro, que, em maio, bateram recorde nominal da série do Cepea – de R\$ 1.461,90, conforme o Indicador ESALQ/BM&FBovespa –, vêm estimulando pecuaristas de cria a investirem no aumento da produtividade do rebanho. Um dos avanços está ligado ao processo de inseminação artificial.

Segundo colaboradores do Cepea, a procura por sêmen de animais utilizado na pecuária de corte cresceu bastante nos últimos meses, elevando os preços deste insumo. No acumulado do ano (de janeiro a setembro), a cotação média de sêmen subiu 12,2%, ante uma valorização

de 6% no mesmo período do ano passado. Só no terceiro trimestre, a elevação foi de 13,6%. No caso específico do sêmen de nelore, as altas foram de 5,7% nos nove primeiros meses de 2015 e de 4,8% ao considerar o período de julho a setembro – de 2014, quando ocorreu queda de 2,6%.

A valorização do bezerro, por sua vez, está atrelada principalmente à baixa oferta de animais, devido ao desestímulo à cria em anos anteriores. Além disso, o clima adverso (falta de chuva) desde 2013 prejudicou a taxa de prenhez das vacas e, conseqüentemente, o intervalo

entre partos e o desenvolvimento de bezerras e garrotes. Diante desse cenário, a venda de matrizes tem diminuído, abrindo perspectivas de recuperação da oferta de bezerras no médio prazo.

OUTROS INSUMOS – Ao contrário do comportamento verificado para o sêmen, os demais insumos da pecuária de corte brasileira acompanhados pelo Cepea tiveram queda nas vendas no terceiro trimestre. O atual cenário econômico do País, com dificuldades de aprovação e acesso ao crédito, aumentou a inse-

gurança entre produtores, reduzindo a liquidez.

Além disso, a alta do dólar encareceu produtos como sais minerais (2% de ju-

lho a setembro), fertilizantes (6,4%) e rações (5,3%), preocupando o setor.

O início do período das chuvas em setembro fez com que pecuaristas come-

çassem a se preparar para a reforma das pastagens. A maior demanda por sementes forrageiras elevou o preço desse insumo em 5% de agosto para setembro, na "média Brasil".

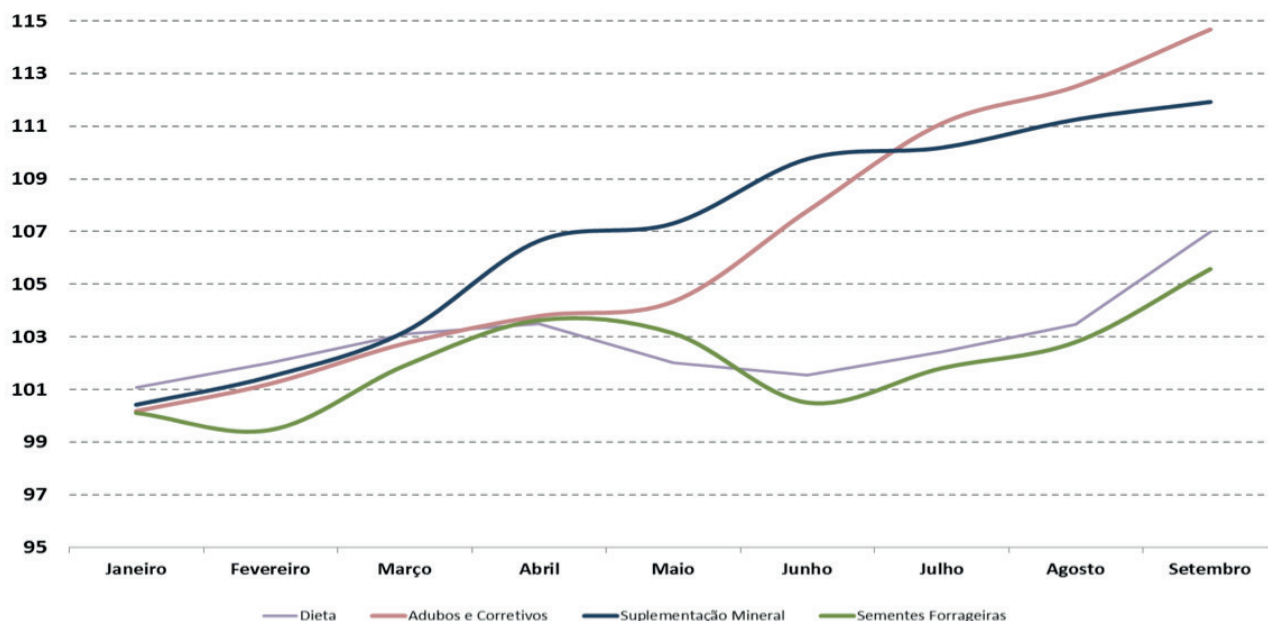


Figura 5: Variação Acumulada da Dieta, Adubos e Corretivos, Suplementação Mineral e Forrageiras: jan-set de 2004 a 2015.

Variação Mensal e Acumulada (2015)

Estados	COE (1)				COT (2)				Boi Gordo R\$/@				Ponderações*
	Jul	Ago	Set	Jan-Set	Jul	Ago	Set	Jan-Set	Jul	Ago	Set	Jan-Set	
Bahia	0,86%	2,37%	0,11%	1,18%	0,77%	2,11%	0,13%	1,34%	1,38%	3,44%	0,32%	-1,05%	5,70%
Goiás	-0,61%	-0,92%	0,24%	4,29%	-0,54%	-0,95%	0,32%	4,34%	-4,40%	-0,19%	3,64%	-2,15%	12,27%
Minas Gerais	-0,2%	-2,95%	0,87%	7,58%	-0,13%	-2,22%	1,04%	7,33%	-4,08%	-0,29%	3,46%	-0,83%	13,34%
Mato Grosso	-0,98%	-3,56%	2,3%	8,64%	-3,00%	-2,80%	1,79%	8,16%	-5,25%	-1,52%	1,48%	-2,09%	15,99%
Mato Grosso do Sul	-2,46%	-1,4%	2,01%	7,13%	-1,94%	-1,30%	2,00%	6,58%	-4,18%	-0,55%	0,73%	-1,43%	11,96%
Pará	-6,23%	-11,34%	18,13%	16,31%	-5,27%	-9,89%	15,72%	14,97%	-2,71%	1,03%	3,42%	2,47%	10,35%
Paraná	-2,07%	0,65%	1,91%	10,14%	-1,72%	0,60%	1,68%	9,42%	0,09%	0,82%	-0,26%	5,06%	5,24%
Rio Grande do Sul	5,48%	-9,31%	3,04%	4,95%	4,55%	-7,50%	2,77%	5,47%	2,11%	-6,09%	-6,77%	-2,79%	7,87%
Rondônia	-4,18%	-1,66%	2,03%	2,88%	-3,46%	-1,30%	1,84%	3,62%	-7,72%	-3,72%	4,72%	-4,01%	6,80%
São Paulo	-0,6%	-2,51%	1,9%	9,97%	-0,55%	-2,17%	1,66%	9,35%	-2,99%	-0,55%	1,78%	0,46%	5,99%
Tocantins	-2,45%	0,77%	2,88%	7,66%	-2,26%	0,65%	2,29%	6,04%	-1,10%	1,40%	4,04%	8,50%	4,50%
Brasil**	-3,06%	-4,04%	4,85%	7,90%	-2,50%	-3,45%	4,23%	7,43%	-2,78%	-0,63%	1,69%	0,42%	100,00%

Fonte: Fonte: Cepea/CNA.

* Corresponde ao quanto cada estado representa no total dos custos da pecuária no Brasil.

** Referente a 85,02% do rebanho nacional segundo o Rebanho Efetivo Bovino PPM / IBGE 2012.

Valor da arroba considerado - Indicador Boi Gordo Esalq/BM&FBovespa - Estado de São Paulo.

1 - Custo Operacional Efetivo (COE)

2 - Custo Operacional Total (COT)

Variação dos Principais Indicadores Econômicos

Indicadores	jul/15	ago/15	set/15
IGP-M	0,69%	0,28%	0,95%
Acumulado Janeiro IGP-M	5,05%	5,35%	6,35%

Variações dos Preços dos Principais Insumos da Pecuária de Corte (2015)
Média Ponderada para BA, GO, MT, MS, PA, RO, RS, MG, PR, TO e SP

Grupos dos Custos	Ponderações COT	Variação mensal e acumulada			
	set/15	Jul	Ago	Set	Jan - Set
Bezerro e outros animais de reprodução*	49,20%	-7,75%	-5,56%	1,66%	4,37%
Suplementação Mineral	11,68%	0,39%	0,97%	0,60%	11,92%
Dieta	0,02%	0,89%	1,02%	3,38%	6,98%
Aubos e Corretivos	1,16%	3,08%	1,27%	1,92%	14,67%
Sementes Forrageiras	1,66%	1,30%	0,98%	2,69%	5,57%
Máquinas Agrícolas	4,51%	0,59%	0,78%	1,87%	5,84%
Implementos Agrícolas	0,94%	0,82%	0,00%	0,23%	4,05%
Defensivos Agrícolas	1,77%	-0,01%	0,80%	-1,14%	6,84%
Medicamentos - Vacinas	1,05%	2,59%	0,49%	-3,43%	-4,40%
Medicamentos - Controle Parasitário	0,90%	1,19%	-0,18%	1,02%	5,10%
Medicamentos- Antibióticos	0,14%	0,01%	-0,31%	1,09%	4,70%
Medicamentos em geral	0,19%	0,33%	0,86%	1,25%	8,33%
Insumos para reprodução animal	0,19%	10,36%	0,20%	12,74%	28,60%
Mão de Obra	11,73%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Construção Civil	7,23%	-0,35%	-0,41%	0,44%	4,33%
Brinco de Identificação	0,00%	0,86%	0,30%	1,60%	4,77%
Outros (Energia, Administrativos, Utilitário)	7,34%				

*Indicador do Bezerro ESALQ/BM&FBovespa, Mato Grosso do Sul

Boletim Ativos da Pecuária de Corte

é um boletim mensal elaborado pela Superintendência Técnica da CNA e Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - Cepea/Esalq - da Universidade de São Paulo.



CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL

SGAN - Quadra 601 - Módulo K - Brasília/DF
(61) 2109-1419 | cna.comunicacao@cna.org.br

Reprodução permitida desde que citada a fonte.